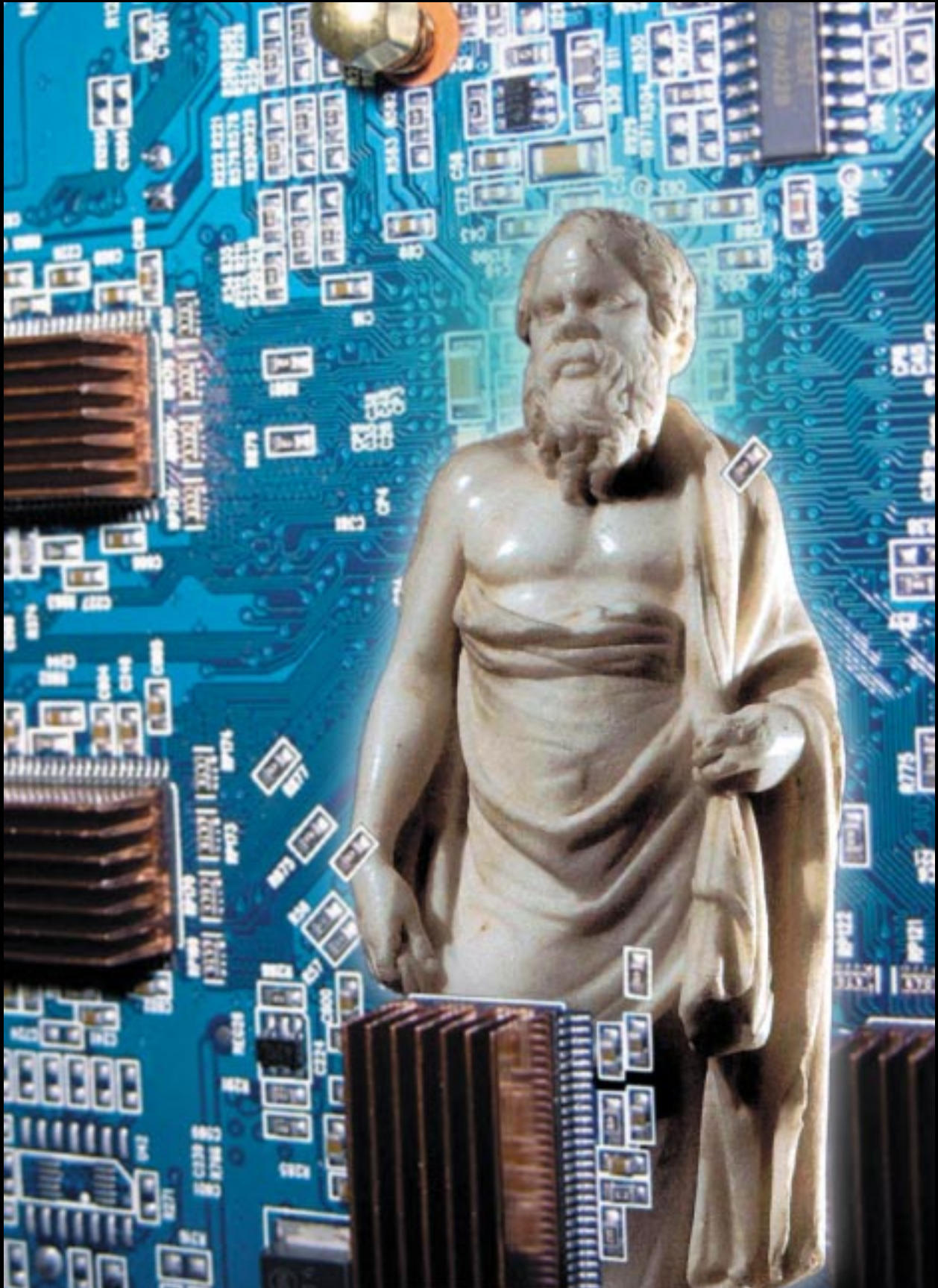


# A utopia de Sócrates



**André Azevedo da Fonseca**

# A utopia de Sócrates\*

---

*1º lugar no Prêmio Escritor Universitário "Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde)", promovido pela Academia Brasileira de Letras e Centro de Integração Empresa Escola, em 2004*

## **André Azevedo da Fonseca**

Sócrates não gostava de livros. O filósofo grego resmungava que, por culpa dessas novas tecnologias, os jovens deixariam de usar a memória, entregariam esta responsabilidade a caracteres inanimados e nunca mais seriam capazes de evocar as informações por si próprios. Sócrates preferia contar com o conhecimento virtualizado nos recantos do próprio espírito.

No decorrer dos séculos, o artefato livro inspirou um fascínio assustador no imaginário popular. Mesmo quando ainda não tinham o formato pelo qual hoje o conhecemos, códices de pergaminhos sagrados e manuscritos com fórmulas proibidas da alquimia passaram a ser temidos e admirados como os sumos portadores dos mistérios profundos do mundo.

Essa intuição parece ter perdurado. Quando crianças, temos uma relação aberta e dessacralizada com os livros. Sem o mínimo de cerimônia, desenhamos nas margens, riscamos, rasgamos, colamos e picotamos as figuras. Mas quando em um dia de verão acordamos adultos, passamos a ter uma postura mais reverencial perante o objeto livro. Muitos consideram um sacrilégio riscá-lo. Tratam o livro como uma peça sagrada.

Como bem observou a pesquisadora Maria Helena Martins, isso ocorre porque, sem dúvida, há ainda uma forte tradição de culto ao suporte. Não sem malícia, o poeta e violeiro Catullo da Paixão Cearense, quando mostrava a alguém os seus manuscritos, dizia que depois de impressos ficariam melhores, e ao saírem em livro estariam excelentes.

Mas talvez tenha chegado a hora de pensar o texto menos como um artefato e mais como um acontecimento. Paulo Freire ensinava que o ato de ler não se refere apenas às palavras. Lemos o mundo. Mesmo quando nos dedicamos aos livros, o corpo inteiro está mobilizado na leitura. Nossos músculos lêem conosco, o fígado se contrai, o estômago se contorce.

McLuhan dizia que as tecnologias são extensões do corpo humano. Precisamos sempre saciar o apetite dos anseios da alma perante nossa frágil biologia. Assim, transformamos em telefone os nossos delírios telepáticos e construímos aviões com nossa vontade de voar. Mas o computador ainda está em sua pré-história. Poucas coisas são tão desconfortáveis aos nervos e músculos quanto a combinação de *mouse*, teclado e monitor. Além disso, as potencialidades ainda nos fascinam mais que as conquistas efetivas.

Entretanto, persiste um grande equívoco nas críticas ao computador. Pierre Lévy observa que considerar a informática apenas um instrumento para produzir ou ler textos significa negar sua fecundidade cultural. Ele argumenta que o hipertexto é análogo à estrutura de pensamento: sempre estamos nos deslocando em memórias e idéias no decorrer da leitura linear.

Se a escrita alfabética estabilizou-se sobre e devido a um suporte estático, poderíamos questionar se o uso recorrente de um suporte dinâmico não estaria prestes a reinventar os sistemas de leitura e escrita. Estaríamos assim em uma era de reconfiguração mental, cujo objetivo é integrar o espírito ao labirinto sináptico da Intenet – a extensão de nossos sistemas nervosos.

Poderíamos então sonhar um sistema biotecnológico integrado à fisiologia humana, pronto para estabelecer uma conexão aberta e dessacralizada, capaz de aniquilar o objeto e proporcionar imersão total nas vísceras do texto. Efetivando a utopia simbiótica de McLuhan, essa tecnologia faria os textos fluírem não para a superfície de um objeto exterior, mas diretamente para o pensamento. De olhos fechados, repousados em uma velha poltrona no jardim, deixaríamos as células do corpo deliciarem-se na fagocitose das texturas de narrativas tridimensionais e mergulharíamos nas experiências exponenciais das articulações do texto em toda a sua plenitude.

Levaria-se a efeito, desta vez, a utopia de Sócrates. Com a extensão de nosso sistema nervoso em rede, poderemos finalmente, em tributo ao desejo do filósofo, ler o conhecimento virtualizado nos recantos do próprio espírito.

---

#### **Sobre o autor**

André Azevedo da Fonseca, estudante de Jornalismo na Universidade de Uberaba (Uniuibe), é autor do livro “*Cotidianos culturais e outras histórias: a cidade sob novos olhares*”, lançado em junho de 2004 pela editora da Uniuibe. Neste ano publicou também o ensaio “*Água de uma fonte só: a magnitude do problema em uma experiência concreta*” no livro *Formação & Informação Ambiental*, coordenado pelo jornalista Sérgio Vilas Boas, lançado pela editora Summus. Na carreira acadêmica conquistou diversos prêmios universitários nacionais, entre eles o Prêmio Estímulo à Cidadania da Expocom/Intercom, em Salvador, 2002; e o prêmio Set Universitário - Crônica e Artigo, da Famecos/PUC-RS, em Porto Alegre, em 2002 e 2003.